



POTENCIAIS DE USO DO PODCAST PARA A MELHORIA DA EXPRESSÃO ORAL DISCENTE

PODCAST POTENTIAL USE FOR IMPROVING STUDENTS SPEAKING

- Eugênio Paccelli Aguiar Freire (UFRN – eugenio@imd.ufrn.br)

Resumo:

Embora na atualidade a tecnologia educacional encontre-se largamente inserida na Escola, ainda assim a fala em sala de aula constitui-se como meio central das práticas pedagógicas. A pouca atenção ao desenvolvimento da expressão oral entre os discentes, contudo, indica ser patente na educação formal do Brasil. Nesse cenário, as características produtivas e distributivas do podcast, tecnologia de oralidade distribuída sob demanda, sugerem que aquele, em virtude de seu baixo custo e simplicidade técnica, pode servir ao aprimoramento das práticas orais na escola. Diante dessa circunstância, o presente estudo, oriundo da tese Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação, visa investigar o pressuposto levantado, a fim de desvelar os potenciais do podcast no direcionamento supracitado. Para isso, a viabilidade da utilização de tecnologias para o desenvolvimento da oralidade escolar será examinada a partir de uma análise histórica da incursão do rádio no âmbito abordado. Os resultados de tal procedimento serão, posteriormente, relativizados às particularidades pedagógicas do podcast, a fim de analisar-se as especificidades tecnológicas dessa tecnologia no universo oral investigado, propiciando, assim, o levantamento das potencialidades abordadas neste artigo. Ao final, constatou-se que o podcast indica reunir condições para propiciar que o trabalho escolar oral alcance novos patamares, oferecendo aos alunos novas oportunidades para o desenvolvimento da oralidade.

Palavras-chave: Tecnologia de oralidade; Oralidade digital; Podcast educativo; Podcast e comunicação.

Abstract:

Although at present the educational technology lie largely inserted School , still speaking in the classroom is as central means of teaching practices . A little attention to the development of oral expression , however, indicates patent be in institutional education in Brazil . In this scenario , the productive and distributive characteristics of the podcast , technology orality distributed demand , suggest that, because of its low cost and technical simplicity , may serve the improvement of oral practices in school . Given this circumstance , the present study , derived from the thesis Podcast in Brazilian education : nature, potential and implications of communication technology, aims to investigate the assumption raised in order to reveal the potential of targeting the podcast above . For this, the feasibility of using technologies for the development of oral school will be examined from a historical analysis of the incursion of the radio under addressed. The results of such a procedure will then be relativized to the particular educational podcast in order to analyze the specificities of this technology in the technological universe oral investigated , and thus provide a survey of the potential discussed in this article . At the end , it was found that the podcast is fit to provide that schoolwork oral reach new





heights , adding a new local teachers and students , practices and forms of expression for the development of orality among those subjects

Keywords: *Technology orality ; Orality digital ; Educational Podcast , Podcast and communication*

1. Introdução

A atualidade encontra-se marcada pela inserção de tecnologias nos contextos escolares, provendo nestes a possibilidade como o exercício de debates assíncronos via fóruns on-line, a realização de trocas informativas simplificadas por e-mail e instantâneas por mensagens SMS de celulares, o enriquecimento das práticas pedagógicas pelo uso do vídeo, entre outros. Todavia, constata-se que a educação formal ainda concentra a maior parte de suas práticas na oralidade, mesmo meio que detinha a hegemonia escolar desde os primórdios do desenvolvimento da universalização da educação, pensada já no século XVII por Comenius em sua obra *Didática Magna* (2002).

Atualmente, apesar da disseminação dos slides em Power Point e de recursos audiovisuais, é facilmente constatável que, de um modo generalista, a exposição docente ainda consiste essencialmente de um exercício oral, tanto quanto o é a participação discente em sala de aula. Não à toa, muitas das primeiras experiências de apropriação de tecnologias para melhoramento das práticas escolares direcionaram-se à ampliação da oralidade escolar. Essas iniciativas ocorreram pelo uso do rádio, voltado especialmente para o apoio ao ensino a distância.

Por essa razão, o pensamento educacional conta com subsídios para assumir o teor positivo de um uso tecnológico voltado à sofisticação da oralidade escolar. Essa constatação ganha nova relevância nos dias correntes em vista do advento de uma nova tecnologia de suporte à oralidade, o *podcast*. Este consiste de programas falados distribuídos sob demanda, geralmente nos mesmos arquivos utilizados para disseminação musical. O *podcast* possui uma produção de conteúdo facilitada. Assim, por sua natureza on-line e especificidades produtivas, aquela tecnologia poderia ser capaz de prover modos particulares de repercutir a consagrada amplificação da oralidade escolar por meio tecnológico. Tal observação suscita a necessidade de investigar as particularidades aludidas, de modo a levantar os potenciais do *podcast* na sofisticação da oralidade escolar.

O exame relatado consistirá do objetivo deste artigo, oriundo da tese *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidade e implicações de uma tecnologia da comunicação* (FREIRE, 2013b). O alcance do objetivo traçado partirá do exame das particularidades do *podcast* diante do rádio, procedimento realizado a fim de delimitar as particularidades daquela tecnologia no tratamento da oralidade. Em seguida, será analisada a relação entre tecnologia e oralidade na escola, retomando, para isso, a apropriação institucional do rádio na educação brasileira a fim de analisar a relevância do uso tecnológico associado à oralidade escolar. Por fim, irá refletir-se sobre as limitações das práticas orais tradicionais da escola para que, na seção seguinte, aquelas possam ser examinadas a fim de compreender-se de quais modos o *podcast* poderia propiciar a superação dos limites supracitados.

1.1. Os O *podcast* no âmbito das tecnologias de oralidade





Não seria inadequado afirmar que de um ponto de vista técnico o *podcast* consiste de “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na internet” (PRIMO, 2005, p. 17). Embora existam *podcasts* destinados apenas à veiculação de músicas, a maioria dessas produções realiza-se por meio de falas dos participantes, promovendo exposições de conteúdos, relatos de acontecimentos, bate-papos ou debates informativos sobre temas os mais diversos.

A caracterização apresentada possui aproximação com a esfera radiofônica. Afinal, *podcast* e rádio tratam essencialmente da veiculação de falas, apoiadas por quesitos de sonoplastias, geralmente ambientes e/ou musicais. Por essa razão, é possível inserir ambos os meios citados no grupo das tecnologias de oralidade. Estas dizem respeito às tecnologias que permitem a sofisticação do manejo da oralidade em suas instâncias de produção e distribuição.

Apesar disso, um fator de diferenciação entre *podcast* e rádio advém da grande facilidade de produção e distribuição daquele. É possível afirmar que, para a realização de um *podcast*

basta ao produtor possuir um computador de capacidade média, fone de ouvido ou caixas de som no seu PC, um microfone [...], um programa de gravação e edição de áudio, como o Audacity e uma conexão com a internet de velocidade média (FREIRE, 2010, p. 114).

A gravação pode ser realizada também através de diversos outros equipamentos, que vão desde tocadores de MP3 e telefones celulares com capacidade de registro sonoro, gravadores digitais, além de outros dispositivos de captura de som. A partir das características descritas, o *podcast* é constituído como uma tecnologia essencialmente livre, razão pela qual se torna sensato defini-lo como um “modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade, também podendo veicular músicas/sons” (FREIRE, 2013a, p. 47).

1.2. O desenvolvimento da oralidade tecnológica na educação brasileira

A história das tecnologias de oralidade confunde-se, desde o seu início, com o uso educativo daqueles meios no Brasil. Tomando como marco a fundação da primeira emissora brasileira, em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - cuja “principal função [...] era possibilitar a educação popular” (ALVES, 2009, p. 9) -, é válido afirmar que “o início do rádio brasileiro” e “o início do rádio educativo brasileiro” são acontecimentos concomitantes.

Desde então, realizaram-se inúmeros projetos de uso educativo do rádio, dentre os quais se destacam as notórias escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base, fundadas em 1961, que atuaram na região Norte, Nordeste e no estado do Mato Grosso aplicando o rádio à alfabetização de adultos, à capacitação para o trabalho e à mobilização social. Os programas da Fundação Padre Landell de Moura, trabalhados no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, a partir de 1967, igualmente comprovaram a viabilidade em utilizar-se o rádio em cursos regulares, alfabetização de adultos e capacitação para o trabalho. Os projetos do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, fundado em 1969, por sua vez,





avalizaram a relevância de um uso radiofônico voltado à promoção da capacitação de professores para o trabalho.

A utilização da oralidade tecnológica do rádio mostra-se especialmente profícua para o ensino de línguas desde as produções da Fundação Padre Anchieta, realizadas em São Paulo, também a partir de 1967. Além disso, empreitadas como o projeto Minerva, produzido pelo Ministério da Educação (MEC) para todo o Brasil entre os anos de 1970 e 1990, instituíram a percepção de relevância da produção oral tecnológica voltada à veiculação de cultura, moral e civismo (BIANCO, 2009, p. 60).

Observou-se no desenvolvimento do rádio escolar que “a revolução deflagrada em 1969 abortou grandes iniciativas, e o sistema de censura praticamente liquidou a rádio educativa brasileira” (ALVES, 2008, p. 10). Mesmo após a cessão do cenário aludido, a pouca consideração do rádio na educação formal brasileira perdura (NISKIER, 1999, p. 213), implicando em uma postura de abandono de ricas possibilidades que se estende até a atualidade.

Ainda assim, tal tecnologia mostrou poder servir à promoção de medidas preventivas de saúde junto à população de baixa renda, algo visto no programa “Saúde no ar”, realizado pelo Ministério da Saúde, veiculado entre os anos de 1994 e 2000. Já o “A caminho da escola”, realizado entre os anos de 1997 e 2000, comprovou ser possível usar a oralidade tecnológica para estimular a participação da comunidade na vida escolar da Escola pública. Outro exemplo afim é o “Escola Brasil”, projeto que, veiculado desde 1998, utiliza o rádio como instrumento de mobilização social (BIANCO, 2009, p. 61).

Embora não se conte com estudos que levantem com precisão as razões do decréscimo do rádio escolar no âmbito geral do país, é válido inferir que tal postura encontra fomento na necessidade ampliada de investimentos para a produção radiofônica, como já visto. Nesse cenário, o advento, quase um século após o início do rádio educativo no Brasil, de uma tecnologia de oralidade de produção barata e simplificada constitui uma oportunidade singular de levar à escola a ampliação de suas práticas orais de um modo próprio.

1.3. A oralidade escolar no Brasil

Como visto, é sensato afirmar que a oralidade centraliza as práticas da educação escolar, protagonizando o papel de meio de relação entre os Sujeitos durante a maior parte do tempo dispendido em sala de aula. O professor ainda necessita nesse local de um fôlego vocal capaz de falar por horas seguidas para responder seus alunos, cuja expressão oral veicula, se não a maior, uma significativa parte dos pensamentos que serão dispostos aos docentes e aos colegas.

Todavia, a pouca atenção ao melhoramento dessa oralidade constitui postura recorrente nas práticas pedagógicas nacionais. A ausência de disciplinas que tratem especificamente da expressão oral se junta à costumeira carência de iniciativas amplas para o aprimoramento da expressão oral na escola. Têm-se, assim, uma postura diferente, por exemplo, daquela vista nos Estados Unidos. Nesse país, desde o século passado são disponibilizados em âmbito escolar cursos de expressão oral, denominados “Speech”, voltados tanto às “High School” - equivalentes ao Ensino Médio brasileiro -, quanto às Universidades (GIBSON, 1970, p. 14).





Além disso, na esfera escolar brasileira costuma ser repercutida a lógica que elege a escrita como instância exclusiva de registro do conhecimento (SIGNORINI, 2000, p. 08), cabendo à expressão oral um papel secundário, de uma competência mais voltada aos afetos do bate papo e ao pragmatismo da convivência do cotidiano do que ao exercício do aprendizado e da maturação intelectual. Tal postura é repercutida no uso das TIC pela escola, o qual costuma deter-se ao trabalho de meios escritos (fóruns, redes sociais) que falados.

O posicionamento descrito é tão patente que é reproduzido até mesmo na Educação a Distância, modalidade usualmente carente de oralidade e, por consequência, dos efeitos positivos da voz do professor sobre os alunos (CARVALHO, 2009, p. 8), mas que, ainda assim, no Brasil costuma centrar-se em materiais escritos (FREIRE, 2013b, p. 66), ainda que estes costumem buscar em seus textos atender a necessidade de aproximação do “discurso científico escrito às condições do discurso narrativo oral, garantindo com isso a compreensão dos estudantes das matérias de estudo, ainda que sem a presença física do professor” (BELISÁRIO, 2003, p. 142).

A pouca consideração da oralidade nos meios tecnológicos constitui uma postura ainda mais desarticulada com as demandas da Escola deste país se for considerado o forte teor oral da cultura brasileira. No Brasil, é comum que se passe “da oralidade interpessoal à oralidade eletrônica do rádio e da televisão” (ANDRADE, 2013, p. 4). Observa-se que na cultura nacional dificilmente irão faltar motivos para falar, afinal, para isso podem servir até mesmo a espera na fila, o compartilhamento de um assento no transporte público, o uso do mesmo elevador, a descoberta de um traço em comum com um estranho. Tal inclinação, como esperado, estende-se ao uso das tecnologias. Nesta esfera, os assuntos mais importantes costumam ser resolvidos por telefone, deixando-se de lado o e-mail; questões fortemente afetivas fazem os interlocutores abandonarem o chat para conversarem face a face; a entrevista de emprego à distância pode ser iniciada por uma rede social por texto, mas provavelmente acabará pela conversa falada em videoconferência.

As reflexões realizadas indicam que a pouca atenção ao aprimoramento da oralidade na escola não condiz com as particularidades da cultura brasileira e com as demandas orais dos cidadãos deste país. Ganha força, por essa razão, a necessidade de serem desenvolvidos modos de ampliar o desenvolvimento da oralidade na Escola. Para tanto, merecem ser exploradas as capacidades do *podcast*, que, diante de suas características desveladas pelas análises postas em curso até aqui, indica poder servir como meio para sofisticar o trabalho da expressão oral no contexto escolar.

2. O *podcast* como meio de sofisticação do trabalho da expressão oral na escola

2.1. Aprimoramento da expressão oral discente

A oralidade confunde-se com larga exposição social no ambiente escolar tradicional. Apresentar oralmente a realização de pesquisas, análises ou qualquer elaboração relativa a conteúdos curriculares constitui-se usualmente em sinônimo de larga exposição, momento temido por muitos alunos, seja por timidez, dificuldades de expressão oral, insegurança ou tentativa de distanciamento da pressão gerada pelo temor de recebimento de uma avaliação





negativa por uma fala mal-empregada (OLIVEIRA & DUARTE, 2004, n. p.). Temerosos de sofrer com agressões verbais, brincadeiras humilhantes, ou mesmo de falharem na apresentação de um trabalho cuja constituição foi elaborada com largo esmero, cria-se, por parte daqueles estudantes, uma situação típica de sala de aula: tentativas de evitar, quase a qualquer custo, a ida à frente da turma para apresentação oral de trabalhos.

Tais situações, quando incontornáveis, tendem a acentuar as limitações da capacidade de expressão oral pública desses alunos. Sussurros entre os colegas, sorrisos de deboche e olhares de desaprovação acabam usualmente criando uma aversão afetiva à prática da oralidade em questão, ainda que os fatores citados sequer existam, mas sejam afetivamente assimilados em razão de uma leitura equivocada do discente em exposição, advinda de sua tensão no momento. Têm-se, assim, uma situação em que a oralidade tradicional revela-se pouco adequada à servir para a superação de um cenário educativamente indesejável. Diante de tal limitação, as particularidades de uma oralidade tecnológica do *podcast* indicam poder oferecer novas possibilidades de melhoramento do contexto apresentado.

Associando as particularidades do *podcast* às demandas do problema exposto, é possível observar que o uso do *podcast* prestar-se-ia à dissociação entre exposição social física e apresentação oral, acabando por torna-los não necessariamente interligados. A separação em questão colaboraria a um acréscimo que cederia à inserção do *podcast* na escola o papel de provedor de acréscimo às possibilidades escolares orais. Em vista disso, além do contexto de apresentação oral em aula - de utilização fundamental aos alunos a fins de acréscimo de suas competências expressivas – poderia ser aberto, pelo *podcast*, um novo cenário. Neste âmbito, encontrar-se-iam condições mais aptas ao desenvolvimento da oralidade de estudantes cuja exposição advinda das falas públicas em sala de aula acaba por, além de não promover avanços, causar retrocesso em seus avanços.

Esse novo contexto seria caracterizado pela viabilização, através do *podcast*, da realização de apresentações orais por alunos cuja exposição na frente da classe mostra-se, pelos fatores apresentados, inviável. Para isso, aquela tecnologia propicia aos Sujeitos que gravem suas falas privadamente em casa ou em outras dependências da escola além da sala de aula, estando na companhia de amigos de confiança, ou mesmo em conjunto com algum apoio docente. A portabilidade dos dispositivos de gravação digital multiplica as oportunidades de cenários de prática oral, tornando estas possíveis de serem realizadas em locais tão distintos quanto uma praia, uma praça ou mesmo na segurança do lar.

Nesses e em outros inúmeros cenários, apresenta-se uma atmosfera de significativo controle, em razão de poder-se optar, na prática oral, pelo isolamento ou pelo compartilhamento das ações com Sujeitos previamente escolhidos. Desse modo, possibilitar-se-ia a esses discentes um trabalho de oralidade confortável e afetivamente seguro, pelo distanciamento das chances de constrangimento daqueles pouco aptos a falar em público. Somar-se-ia a esses fatores o maior tempo de prática oral possível de exercício por meio da tecnologia em questão em comparação aos breves momentos de apresentação em aula.

Em razão disso, a utilização da oralidade tecnológica revela seu teor não excludente da oralidade em sala de aula. É possível propiciar, através da oralidade tecnológica, uma situação segura e extensa, dispondo um trabalho confortável e longo dos alunos no aprimoramento de suas aptidões orais. Nessa prática, a disseminação de suas produções orais tecnológicas aos colegas pode ser administrada em uma relação de discussão com o





professor. Em tal relação, após julgar a produção apta à divulgação segura para os outros alunos, o professor poderia dialogar com o aluno sobre tal possibilidade, preservando a autonomia desse por meio do respeito à sua opção de divulgar ou não sua voz em tecnologia. Tornar-se-ia possível, assim, de modo fluído e gradual, um desenvolvimento oral em que os alunos poderiam estar em um cenário escolar propício à reunião de condições mais aptas ao enfrentamento de suas restrições em falar publicamente.

2.1. *Trabalhando a expressão oral discente via podcast*

Nas falas realizadas especialmente para a veiculação em *podcast* encontra-se costumeiramente uma notória propensão à perda de espontaneidade.

É comum a observação de modificação vocal e expressiva dos alunos ao tomarem contato com um microfone. Geralmente, remetem-se ao timbre empostado utilizado por locutores radiofônicos, buscando também reproduzir uma linguagem que consideram típica daquele meio. O cuidado demasiado com erros de pronúncia e preocupação excessiva em fazer-se entendido acabam, igualmente, podendo aplicar um teor artificial ao “falar” dos sujeitos em gravações, se comparadas a suas expressões cotidianas.

Na efetivação dos quesitos de artificialidade citados, acaba-se por perder um dos principais fatores a despertar o interesse dos ouvintes pelo *podcast*: a coloquialidade. É possível inferir a relevância do fator aludido a partir da observação dos aspectos próprios da *podosfera* - termo que faz referência ao cenário nacional de *podcasts*. Nesta, constata-se uma clara associação entre o uso de uma linguagem coloquial e o desenvolvimento do interesse por parte dos ouvintes (FREIRE, 2013b, p. 96).

A relação em questão constitui-se em função da importância de aspectos afetivos para a aproximação do ouvinte com a expressão oral por meio do *podcast*. Tal busca do ouvinte pelas falas possui uma significativa importância escolar em razão do desenvolvimento oral ter na recepção dos ouvintes um momento de especial importância. Nesse tipo de exercício, nota-se usualmente que é na valoração positiva dos que escutam que aquele que desenvolve sua oralidade angaria a autoestima que poderá prover a segurança para um desenvolvimento oral profícuo.

É sensato afirmar, nessa direção, que a expressão coloquial aproxima os ouvintes em razão de similaridade daquela a, por exemplo, uma conversa entre amigos. Tal relação é observada no exercício nacional do *podcast*, ilustrado nas falas dos *podcasters* participantes do episódio 28 do Fenixcast, em edição especial dedicada a debater o contexto produtivo da *podosfera* brasileira.

FERNANDO – o que o povo não entende, esse povo que tá de fora do *podcast*, é que essa nossa linguagem é o que aproxima a gente do público.

DIEGO - Exato, é a informalidade que faz o *podcast*.

FERNANDO - Exatamente. Até mesmo quando, ainda na época do *nowloading* a gente recebia muito e-mail do tipo “pô, eu gosto de vocês é como se tivesse falando com um amigo, sabe? Vocês falam do jeito que eu falo, vocês pensam do jeito que eu penso”. Então é aquela coisa de o público se identificar com





você porque, sabe, ele vê que você é igual a ele. Pô, todos nós aqui somos iguais ao pessoal que ouve a gente também (CASTRO & SIQUEIRA, 2012).

Considerando os aspectos afetivos relatados, tende a ser sensivelmente maior para os alunos o potencial de, junto aos ouvintes, despertar empatia a partir de falas apoiadas em tecnologias de oralidade se essas assumirem um teor mais “natural”. Apesar disso, é relevante a demanda por contextualizar-se a linguagem utilizada às especificidades do cenário escolar, marcado por uma atmosfera institucional de formalização. No entanto, mantem-se a perspectiva já desvelada, de que uma fala artificial, distante da realidade dos envolvidos, constitui um aspecto negativo no que se refere tanto à capacidade em despertar o interesse dos Sujeitos quanto à inteligibilidade das falas, em razão, também, de um possível distanciamento afetivo dos ouvintes.

Em vista disso, cria-se a oportunidade de, em cada prática, refletir-se acerca da relação entre coloquialidade e formalidade na busca pelo trabalho oral mais adequado para cada contexto escolar. Assim, entende-se que alguns cenários escolares demandarão falas mais formais, seja em razão do estilo e personalidade do falante, da seriedade de certas situações, ou mesmo em vista da divulgação de informações sensíveis ao contexto em questão. Outras circunstâncias, em contrapartida, permitirão falas mais informais, seja por um professor que utiliza de humor em suas explanações ou em um conteúdo cujo aspecto lúdico sobressai-se na exposição de um estudante. Tais distinções de formalidade ressaltam a importância da prática oral via *podcast*, de modo a maturar as capacidades orais dos discentes a partir de exercícios que propiciem reflexões e aprimoramentos diante do complexo cenário expressivo da vida escolar.

O exercício das expressões em análise não se confunde com a instituição de plena similaridade expressiva entre a voz usada em qualquer conversa daquela utilizada em uma gravação de um *podcast* escolar. Igualmente, não é sensato que a consideração de aspectos formais nas falas ocorra pela emulação de uma exposição rebuscada, pouco inteligível por seu quase completo distanciamento da fala corriqueira. Diante dessas percepções, observa-se que a pluralidade da expressão vocal vista na podosfera brasileira necessita ser transposta de forma problematizada ao âmbito escolar.

Nessa contextualização do equilíbrio entre formalidade e informalidade expressiva, identifica-se, independentemente do teor daquela relação, a inadequação da emissão de uma fala artificial, como visto. Essa relação pode ter seu entendimento aprofundado a partir da constatação de que a expressão de falas artificiais costuma acarretar a transmissão de uma noção de insegurança, a qual acentua o distanciamento do ouvinte daquilo sobre o qual se fala por direcionar sua atenção ao “como se fala”. Isso costuma ocorrer em razão do usual estranhamento advindo do teor quase pitoresco observado inúmeras vezes nesse modo de expressão. Tal adjetivação é aplicável a algumas expressões orais que, como em qualquer outra situação em que se encontrem, toma a atenção dos demais fatores envolvidos.

Esse modo de expressão costuma mostrar-se de efeitos negativos ainda mais agudos se oriundos de produções realizadas por Sujeitos que usualmente convivem com aqueles os quais os escutam via *podcast*. Assim, o aluno que conhece a voz do colega ficará ainda mais





atento estritamente ao seu modo de falar ao tomar contato com uma expressão vocal artificializada daquele.

Identifica-se que a artificialidade oral comumente acaba, também, tornando a fluência expressiva mais lenta que o usual, devido à necessidade de pensar-se mais detidamente antes da formulação de cada sentença. Nessa situação, o uso de edição para fins de obtenção de celeridade pode atenuar o problema apresentado, porém, dificilmente irá resolvê-lo em razão da fala lenta ser usualmente acompanhada de pouca dinâmica vocal, o que acaba por aplicar um tom de monotonia nas expressões orais, ainda que aceleradas por processos de edição.

3. Considerações finais

Mesmo nos contextos escolares marcados pelo uso de tecnologias modernas para o apoio às práticas pedagógicas, o uso da oralidade em sala de aula ainda centraliza a maior parte das ações escolares. Além disso, a própria cultura nacional detém essa forte aproximação com as práticas orais, fenômeno que repercute mesmo no uso das tecnologias. Contudo, as características aludidas demonstram seguir à margem das prioridades escolares nacionais, expressas em práticas pedagógicas que costumam reservar pouca atenção ao desenvolvimento oral dos alunos. Diante desse cenário, a análise das características particulares do *podcast*, enquanto tecnologia de oralidade, desvelaram que esse possui condições de servir ao aprimoramento da oralidade escolar aos diversos Sujeitos constituintes daquele cenário.

Nesse exercício, observou-se indicadores significativos de que seria possível aos estudantes desenvolverem sua competência oral privadamente, de modo a traçar gradativamente um caminho direcionado à exposição pública em sala de aula. Antes deste momento, seria possível que tal exposição ocorresse assincronamente e para um público delimitado, algo capaz de ser realizado em virtude das especificidades da distribuição digital do *podcast*. Essa veiculação de falas estudantis acerca de assuntos escolares também potencializaria o entendimento das explicações dispostas aos colegas, o que se deveria à ocorrência de uma relação na qual a escuta de uma linguagem próxima à sua potencializaria junto ao ouvinte a inteligibilidade do conteúdo escutado.

Além disso, o uso de edição propicia o aprimoramento de expressões realizadas. Observou-se que por tal processo tornar-se-ia possível a elaboração de falas mais atrativas aos ouvintes. Todavia, constatou-se ser importante que o controle propiciado pelo *podcast* não aproxime a expressão oral de um teor artificial. Para fugir desse direcionamento, o uso de uma linguagem coloquial indicou constituir uma alternativa relevante, oferecendo, ainda, oportunidade para o trabalho da expressão dos alunos diante das esferas formais e informais das falas escolares. Em vista do exposto, as reflexões deste estudo indicaram que o *podcast* reúne condições para propiciar que o trabalho escolar oral alcance novos patamares, acrescentando aos alunos novos locais e práticas para que aprofundem seu desenvolvimento oral.





4. Referências

- ALVES, João Roberto Moreira. A história da EaD no Brasil. In: LITTO, Michael & FORMIGA, Marcos Maciel. **Educação A Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- ANDRADE, Arnon Alberto Mascarenhas de. Novas Tecnologias e Educação. Disponível em: <www.educ.ufrn.br/arnon/novas.pdf>. Acesso em: 18 out 2013.
- BELISÁRIO, Aluízio. **O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas**. In: SILVA, Marcos (Org.). Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003, p. 137-148.
- BIANCO, Nelia R. Del. Aprendizagem por rádio. In: LITTO, Michael & FORMIGA, Marcos Maciel. **Educação A Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- CARVALHO, Ana Amélia Amorim. *Podcasts no Ensino: Contributos para uma Taxonomia. Ozarfaxinars*, 8. 2009. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9432/1/Carvalho-2009_Maio.pdf>. Acesso em: 08 de Agosto de 2012.
- COMENIUS, João Amos. Didática Magna (Trad. Ivone Castilho Benedetti) S. Paulo. 2002.
- CRUZ, Sónia Catarina. **O podcast no ensino básico**. In: CARVALHO, A. A. (Org.). Actas do Encontro sobre *Podcasts*. Braga: CIEd, p. 65-80, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9991/1/Cruz-2009-Enc%20sobre%20Podcasts.pdf>>. Acesso em: 16 de novembro de 2012.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Conceito educativo de Podcast: um olhar para além do foco técnico. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 35-51, 2013a. Disponível em: <eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/340>. Acesso em: 12 ago. 2013.
- _____. **Construindo um modelo de referência à participação ativa dos Sujeitos em projetos educativos em ambiente on-line**. Natal, 2010. 214 p. Dissertação (Mestrado em Educação).
- _____. Distinções Educativas entre Rádio e Podcast. **Revista PRISMA. COM**, n. 18, 2012. Disponível em: <revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/1418>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- _____. O *podcast* como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.24, n. 40, maio/ago. 2011. Disponível em: <cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/issue/view/210/showToc>. Acesso em: 03 nov. 2011.
- _____. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. Natal, 2013b. 338 p. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- _____. Podcast: novas vozes no diálogo educativo. **Interações**, n. 23, p. 102-127, 2013c. Disponível em: <revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/2822>. Acesso em: 17 ago. 2013.
- GIBSON, James W. et al. The first course in speech: A survey of US colleges and universities. *Communication Education*, v. 19, n. 1, p. 13-20, 1970.
- NISKIER, Arnaldo. **Educação à distância: a tecnologia da esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.





OLIVEIRA, Maria Aparecida de; DUARTE, Ângela Maria Menezes. Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 6, n. 2, p. 183-200, 2004. Disponível em: <www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/56>. Acesso em: 10 out. 2013.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no *podcasting*. **Intertexto**, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26568>>. Acesso em: 14 de Março de 2011.
SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

